

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2º SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

DENISY SCHIMITH DE FREITAS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

As cotas raciais e para deficientes são justas ?

Texto 1 - SIM: Antonio Carlos Moraes*

O sistema de cotas, em uma sociedade democrática, deve existir para corrigir distorções históricas nos campos social, cultural e econômico. É inaceitável viver uma democracia em que seus entes sejam separados em agrupamentos humanos que, coincidentemente, são interligados em suas condições objetivas de vida onde a ausência do ensino superior é elemento comum. É coincidência que as pessoas com deficiência, dos pretos, dos índios e dos oriundos da escola básica pública sejam, em sua maioria, pobres e sem curso superior? Outro dia, alguém me perguntou: vamos transformar a universidade em uma pizza fatiada para vários setores da sociedade? Eu respondi que sim e as maiores fatias deveriam ser destinadas aos setores que mais precisam.

Se é verdade que o curso superior muda a vida das pessoas, então não tenho dúvida de que tal possibilidade deve estar ao alcance do maior número de pessoas e, para corrigir as distorções históricas e colocar o Brasil nos trilhos da modernidade, as maiores fatias devem ser destinadas aos setores que mais precisam. Até agora tanto as iniciativas isoladas das universidades quanto o projeto 180/2008 da Câmara são bastante generosas com os velhos donos das vagas." São menos de 20% e ficarão com 40% das vagas. Deficientes e estudantes de escolas públicas são mais de 80% e ficarão com apenas 60%.

Na Universidade Federal do Espírito Santo, a implantação de cotas foi muito positiva. A sociedade capixaba, em pesquisa de opinião, em 2007, aprovou, com 80% das respostas positivas, o sistema. Em resposta, os primeiros cotistas apresentaram rendimento significativo. Em 40% dos cursos pelo menos uma nota 10 e nenhuma reprovação em 60% dos cursos, dentre eles medicina e direito.

Enquanto o sistema era implantado de forma isolada pelas instituições havia uma sanha da soberba do direito individual sobre o projeto coletivo de cada universidade.

Os “donos das vagas” e seus defensores clamam pela igualdade constitucional e se negam a pagar a dívida. A universidade sabe que igualdade se faz com distribuição de bens públicos e o acesso ao conhecimento é a sua parte no processo.

**Mestre e doutor em Educação e secretário de Inclusão Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)*

Texto 2- NÃO Bolívar Lamounier*

Tenho orgulho de viver num país que repele a ideia de “raça” como critério de política pública. Sou, pois, contrário à instituição de cotas raciais ou de natureza semelhante para ingresso no ensino superior público, matéria de projeto que tramita no Senado. Se aprovado, tal projeto dará início a um processo de “racialização” da política educacional. Daí a ser estendido ao emprego no setor público, e eventualmente também no setor privado, serão poucos anos. Ou seja, o Brasil que conhecemos, de brasileiros, começará a ser retalhado em segmentos ditos “raciais”. O projeto é inconstitucional, inócuo em relação a seus objetivos declarados, e imprudente. A Constituição de 1988 exprime o sentimento anti-“racialista” dos brasileiros em diversos dispositivos. O Artigo 19 diz: “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos municípios criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.” O Artigo 208 dispõe que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”. Como proposta de política social, o que o projeto pretende é apressar a eliminação de diferenças residuais - decorrência de diferenças historicamente acumuladas entre os grupos étnicos que formaram o Brasil - no acesso ao ensino superior. É pois manifesta a inadequação entre fim e meio. Para lograr um objetivo de pequena monta, e que pode ser logrado de maneira mais eficiente através de bolsas de estudo e crédito educativo, recorre-se ao grave precedente da “racialização”. Em tudo e por tudo, o projeto é imprudente. O Senado precisa ponderar seriamente se está fazendo justiça social ou dando acolhida ao ovo de serpente do ódio racial. Onde hoje há jovens que só se veem como brasileiros, cujo objetivo é melhorar de vida, ajudar a família e a comunidade, amanhã (se o malsinado projeto for aprovado) teremos “afro-brasileiros” e

“brancos”. *Quem se responsabilizará por tamanha temeridade? Custa-me crer que o mesmo Legislativo que elaborou a Constituição venha a aprovar um texto que não trará os benefícios propalados e, seguramente, vai dividir os brasileiros em grupos “raciais”.*

* Cientista político, diretor do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo
(Idesp)

TEXTO GERADOR II

Debate Aquecimento Global 12/2/2007 Programa ao vivo

Paulo Markun: *Boa noite. O relatório da ONU sobre as mudanças no clima colocou a humanidade contra a parede. Os níveis do dióxido de carbono na atmosfera são os maiores já registrados e o aquecimento global é um fato irreversível. A culpa é do homem. As conseqüências, já manifestadas, podem piorar: mais chuvas, mais seca, furacões e tempestades mais intensos e invernos mais quentes. (...) O desafio que isso representa é o tema do Roda Viva de hoje. Reunimos uma bancada de cientistas e especialistas que têm se dedicado à questão.(...) Para o debate neste Roda Viva especial nós convidamos... Ilana Wainer, coordenadora do Laboratório de Oceanografia, Física e Clima do Instituto Oceanográfico da USP; Marcelo Furtado, diretor de campanhas do Greenpeace [Organização global e independente que atua na defesa do meio ambiente e na promoção da paz, conscientizando as pessoas para mudarem atitudes e comportamentos, além de investigar, expor e confrontar crimes ambientais, desafiando tomadores de decisão a reverem suas posições e mudarem seus conceitos]...Boa noite. Eu queria começar esta discussão colocando o seguinte.(...) Então, o que eu queria começar a questionar é o seguinte: em que medida esse documento divulgado pelos cientistas muda alguma coisa na percepção que a sociedade tem do problema, e mais ainda, em que medida ele muda o conhecimento que a gente tem sobre este problema? Começamos pela Ilana.*

Ilana Wainer: *Eu vou tentar responder do ponto de vista dos oceanos, que é a minha especialidade. Eu acho que esse relatório coloca uma importância grande do papel dos oceanos nas mudanças climáticas. Uma delas é a capacidade que o oceano tem de armazenar*

e redistribuir esse calor. Então, o oceano tem um papel, funciona como um refrigerador no planeta. Ele recebe o excesso de calor das regiões tropicais, que é redistribuído para as regiões de déficit, as regiões polares, e através de correntes muito profundas, ocorre uma redistribuição, resfria-se o planeta levando essas correntes mais densas e frias para a região tropical. O que acontece é que com o aquecimento do planeta - não vou entrar em detalhes desses processos agora - essa corrente acaba se desintensificando, ela fica menos intensa, redistribui-se menos excesso de calor para as regiões de déficit, e, conseqüentemente, aumentam os contrastes de temperatura. Existem outros vários aspectos, como a mudança de salinidade, o fato de que a região tropical está tendo mais evaporação; mais evaporação implica mais vapor d'água, o que contribui para a intensificação dos furacões, enfim, está tudo interligado. Então, voltando a sua pergunta, eu acho que esse relatório vai buscar, então, nos oceanos, o grande mecanismo físico, um dos grandes mecanismos físicos para explicar o que está acontecendo.

Marcelo Furtado: *E acho que vale a pena, Markun, a gente colocar um ponto importante, que é a dimensão política disso. Esse documento foi feito para tomadores de decisão.(...) Nós temos pressões que vieram até mais brandas do que historicamente a gente tem visto nessas reuniões por parte dos Estados Unidos e o bloco do Oriente Médio, mas uma pressão maior, por exemplo, do governo da China, em função de suas conclusões. A comunidade científica hoje fala em níveis de aumento do que é o nível do mar, maiores do que o painel concluiu. Os estudos já estão passando de um metro, no aumento do nível do mar na sua previsão para o final do próximo século. Por que isso foi minimizado? Porque a comunidade científica sofreu uma pressão e porque alguns estudos fundamentais não entraram no prazo para a conclusão dos estudos, para serem avaliados pelo IPCC, e nós perdemos uma oportunidade de um documento ainda mais contundente.*

Ilana Wainer: *Eu posso acrescentar uma coisa? Eu acho que, além disso, eu discordo só um pouquinho, porque o relatório mostra que houve uma aceleração do aquecimento, do aumento do nível do mar de 93 para cá. Então eu não acho que ele foi tão pequeno. Eu acho que ele mostrou que até 93 a gente tinha dados insuficientes. A partir de 93 nosso*

monitoramento e observação melhorou muito. Então, com relação específica ao nível do mar, esse aumento foi muito maior, eu acho que o que é preocupante é a taxa do aumento. Muito mais do que um valor absoluto, são as taxas. (...)

Paulo Markun: *A gente fica por aqui, eu queria agradecer a participação dos nossos debatedores e dizer o seguinte: na medida do possível, o que o Roda Viva pode fazer e a TV Cultura pode fazer, sei que eu posso falar em nome da TV Cultura, é continuar discutindo e debatendo essas questões.*

(FAPESP Memória roda Viva)

ATIVIDADE USO DA LÍNGUA

Questão 1

O trecho a seguir, extraído do texto gerador 2 na fala de Ilana Wainer, possui repetições de pronomes, palavras e expressões. Releia este trecho e responda a pergunta a seguir. “**Eu** posso acrescentar uma coisa? **Eu acho** que, além disso, **eu** discordo só um pouquinho, porque o relatório mostra que houve uma aceleração do aquecimento, do aumento do nível do mar de 93 para cá. Então **eu** não **acho** que ele foi tão pequeno. **Eu acho** que ele...”

- a) Justifique o uso das repetições sublinhadas no texto.
- b) Reescreva-o de acordo com norma culta da língua.

Habilidade trabalhada

Empregar adequadamente a linguagem e os fatores de textualidade como clareza e objetividade.

Resposta comentada

Para a resposta da letra **A**, vale lembrar que marcas de oralidade, como as repetições de pronomes e conjunções são comuns em gêneros como o debate. Já, em gêneros escritos,

por se tratar de textos previamente organizados, há um controle das palavras, um cuidado maior com a coesão e uma tendência ao resumo.

Para trabalhar a letra **B** com os alunos, é importante destacar o uso de sinônimos para evitar repetições e lembrar que o uso correto das conjunções, pronomes e a ausência de redundâncias deixam o texto mais claro e objetivo. Sugestão da reescrita: *Posso acrescentar uma coisa? Acredito que, além disso, discordo um pouco (...) mas até a hoje. Então, creio que ele não foi tão pequeno. O mesmo mostrou...*